

CLARA FERREIRA ALVES

PAI NOSSO

ROMANCE



CLUBE DO AUTOR
EDITORA

Nas costas dela chamam-lhe O Fantasma. Uma mulher de certa idade que fuma cigarros até meio. Apaga-os com ressentimento. Não parece que fumasse por gosto. Ou que fizesse o que quer que fosse por gosto. Sopra uma coluna de fumo que dissolve as linhas da expressão. A claridade dos olhos corta vidro. A Leica em cima da mesa.

Tem as unhas cuidadas e envernizadas. Os dedos nodosos, a pele da mão manchada de sardas. Não é uma mulher nova e ainda não é velha. O Fantasma. Cinquenta? Mais? Não pode ser. Ninguém anda aos cinquenta num teatro de guerra. Ninguém fuma. Fumar? E beber? Ela bebe um gin, sempre da mesma garrafa, um único gin.

“Ela traz o gin na bagagem”, diz Gary, o americano.

Gin da Floresta Negra. Gin alemão. “Vemo-la beber um gin por dia no bar. À mesma hora. Quando lhe perguntei o que era aquilo, o horário do gin, ela disse, unhappy hour. Você não quer saber.”

Gary pisca-me o olho.

Quando O Fantasma olha na minha direção desvio o olhar. O tempo caminha em marcha lenta, uma pegada atrás da outra na areia. O Fantasma.

Gary é um freelancer com despesas cobertas, minha cara, as despesas são o ganha-pão, e gasta as noites no bar. Avisa-me que ela é da mesma nacionalidade que eu. Portuguesa. Pelo menos, nascida em Portugal, embora toda a gente julgue que é inglesa. Como se eu não soubesse.

É muito alta para portuguesa e deve ter sido bonita.

É bonita. A beleza ausenta-se por umas horas mas nunca chega a sair de vez em caras assim. Tem uma cicatriz com a forma de um lagarto na pele do braço, vê-se quando arregaa as mangas. E uma tatuagem no pulso, não consigo distinguir. Veste de preto, calças e camiseta, sapatilhas pretas. Destoa naquele calor. O preto tem má reputação.

O rosto deve ter sido sardento, outra cicatriz risca-lhe a sobancelha como um desenho de criança. Eu nem sou repórter de guerra, não tenho coragem nem sou dada a cobiadas. Sou uma professora que resolveu escrever um livro, uma das piores ideias que tive na vida. Sou uma especialista de Estudos do Médio Oriente, uma académica dessas que passam pela vida a escrever teses que ninguém lê e a papaguear teorias de que ninguém quer saber. Os Middle Eastern Studies reverdecem desde o 11 de Setembro. Estudei em Londres, numa boa escola, Oriental and African Studies, e vi-me diplomada e a ensinar na universidade, cobiçando o doutoramento. Arranjei posto numa cidade da Inglaterra onde não corre uma aragem de vida. Hull. Department of Religious Studies. Cidade boa para toupeiras como Larkin e péssima para a saúde e para quem nasceu ao sol de Portugal. Hull. Dull. Um estuário de lama. Salsichas, bacon, feijões com tomate da Heinz. Chá preto com borra. Marmelade. Pão de forma congelado. Os jornais de sábado. E um amante anémico. Um professor de Química para os mínimos de conversa e umas horas de pub. Cerveja morna.

O tédio é uma patologia. Tenho em certos dias uma vontade de regressar a Portugal. Que universidade me contrataria? Posso pedir um sabático para ver de perto os lugares sobre os quais tanto sei. Posso escrever um livro. Os livros sobre o Médio Oriente são fonte de receita.

Tive a ideia em Lisboa. A história de Lisboa. A mal contada história de Lisboa.

E foi em Lisboa que arranjei editor. Um português rotundo com uns óculos encavalitados no nariz que insistiu em mandar vir uma garrafa de vinho tinto, um Douro, pode ser um Douro?, durante o almoço de trabalho e a bebeu sozinho. Trabalho dá trabalho. Era um especialista de

bestsellers, recomendado por um amigo, o tipo sabe vender livros, e o seu tema pode ser que o interesse. Escreve em que língua? Boa pergunta. Nas duas? Logo se vê, primeiro tenho de apurar o que vou escrever. E pirar-me de dull Hull.

“Minha cara amiga, depois daquilo que se passou, ficámos no mapa. Se ficámos no mapa! Para isso tem de localizá-la, falar com ela. Não há outra maneira. E ela não fala. Nunca mais falou. Tente. É uma grande história.”

“Paga-me as despesas?”

“Nem pense nisso, fale com um agente inglês. Ele consegue-lhe um avanço. Aconselho-a a consultar os jornais portugueses, os arquivos. Sem isso, nada fará sentido. O Google não chega. Não preciso de dizer isto a uma académica como você. Um rato de biblioteca, decerto. Que mais se faz em Hull? Os jornais trataram o assunto pela rama, para variar, e nunca se escreveu um livro de jeito sobre a coisa. Porque ela nunca abriu a boca. Os anos passaram, pode ser que fale antes de morrer. Continua a fotografar, continua a ir à guerra. A expor. É uma lenda, chamam-lhe O Fantasma. Sabia? Foi o que a salvou, ser tão famosa. Tão importante. Portugal, um país cheio de fracassados, respeita os portugueses feitos no estrangeiro. Os que embarcaram nas caravelas. Não se disperse a escrever as tretas do Islão, os cinco pilares, mais o anjo Gabriel e o Profeta e tudo isso. Está tudo farto do Islão. Ou sobre terrorismo. Há milhões de livros sobre o Islão e sobre terrorismo, o que não impede um atentado por semana nesta bela Europa. Foi no que deu. Há milhões de profetas e milhões de sábios. Há mais sábios que terroristas. Escreva esta história, se conseguir. O que duvido.”

O tipo não era burro e no fim da conversa, convenientemente aquecido pelo Douro e as migas de porco

com coentros que são indispensáveis ao almoço de trabalho, esfregava as mãos e prometia milhares de exemplares vendidos, de ebooks, direitos de autor a escorrerem como águas de furacão.

“Escreva a história, minha cara amiga! Saia de Hull, dê a volta pelos Orientes. Cá estarei para a edição portuguesa da obra!”

Planeei a jornada. Pedi o sabático. Falei com o boyfriend.

Consultei os extratos do banco, quanto dinheiro podia pôr de lado para esta aventura, avaliei o empréstimo e a poupança, tratei dos vistos. A quantidade de portas que se abrem a uma investigadora de Estudos Islâmicos!

Apanhei um avião para o chamado Médio Oriente. Ora o Médio Oriente não existe. Gosto desta ideia de Oriente Médio, tão atraente como as Terras do Preste João das Índias. Ou as estepes da Tartária. Tinha ido uma vez a Israel, para uma conferência. Levaram-nos a ver os lugares santos. Jerusalém, evidentemente. O Mar Morto. A Galileia.

Os israelitas nunca nos deixaram pôr o pé em ramo verde nem pousar a vista nos palestinianos. E ninguém ia fazer perguntas desagradáveis. Éramos convidados. Fui de férias a Istambul, que estava num rebuliço de manifestações e gás lacrimogéneo. Apanhei com gás pimenta nas lentes de contacto e fiquei dois dias sem poder abrir os olhos. E fui ao Egito, ver o túmulo de Tutankhamon, a Cidadela, os bazares e as igrejas coptas. Descer o Nilo até aos Templos.

Um pacote barato de agência, os terroristas tinham chacinado uma camioneta de turistas uns meses antes. No Cairo, havia tanques nas ruas. Em Gizé, a Esfinge bocejava na solidão. Gizé é um subúrbio com as Pirâmides no meio.

O Egito estava em saldo.

Tenho de confessar que sou uma especialista do Médio

Oriente antigo, o dos museus, o dos grandes impérios e invasões,

não do Médio Oriente das primaveras. Nunca fui ao Iraque, ninguém em seu perfeito juízo iria ao Iraque. E assim fui parar a Bagdade, uma cidade que conhecia mais dos postais que das bombas na televisão. Entremeada de flores de gesso e sabres de bronze cruzados por punhos de gigantes. Retratos sorridentes de Saddam Hussein. O velho Iraque, o das fotografias, afinal era melhor que o novo Iraque. Um ninho de cobras que me dá taquicardia. Medo. Que faço eu aqui? Aprendo a diferença entre a teoria e a prática. Convém perceber antes de explicar e os académicos não apreciam a realidade.

Em Bagdade estava, segundo as informações de um jornalista da BBC que me recomendaram, O Fantasma. Parti da Jordânia, do aeroporto de Amã, num avião a hélice que sobrevoava um deserto cor de barro com rasgões verdes. Os canais e oásis dos grandes rios da Mesopotâmia. Era aquilo o verdadeiro Médio Oriente, uma esterilidade onde se matava por três palmos de terra e um Deus? Que mais há para fazer? Não jogam ténis nem vão ao ginásio, não podem beber em pubs e bares, não há cinemas, teatros, museus. Mata-se o próximo. Procria-se. Reza-se. A alegria é racionada. Amã era um buraco mais ou menos civilizado, com expresso italiano e biscotti. Manicura e pedicura. A última paragem antes da guerra. Mais vale aproveitar e ir ao cabeleireiro. O Fantasma não gosta de ser fotografado, diz o Google. No Google Images aparece uma mulher bela, olho azulado a faiscar, cabelo preto em ondas largas, bem penteado. Uma mulher cuidadosa com as aparências. Num campo de refugiados, veste uma camisa engomada. A Leica ao pescoço. O saco das máquinas não lhe vergou as costas.

Instalei-me no Hotel Al-Rashid, fiz o trabalho de casa. O Al-Rashid é o mais luxuoso e o mais seguro. O hotel é

uma fortaleza dentro da Green Zone protegida por guardas armados e soldados iraquianos. Uma diária caríssima.

Não tenho fundos para isto, ou despacho o assunto ou terei de mudar de posto. Haverá pensões na Zona Verde?

Da janela do quarto avisto uma cidade chamuscada, com prédios suburbanos, pontes, rotundas. O hotel fica na Yafa Street. Acho que não existe cidade desta região sem uma boa Rua de Jafa. Ora os donos de Jafa, Tel Aviv-Yafo, são os israelitas. Talvez por isso.

No bar, entre dois vasos com plantas raquíticas, está sentado o americano, Gary. Serve como informador.

“Tem sorte, ela deve estar a descer. Marie faz parte da casa. Todas as noites é a rainha da poltrona do canto com a corte de jornalistas ao beija-mão. Os durões. É um grupo à parte, não passam cartão. Posso apresentá-la mas vai ser ignorada. Fingem que os outros não existem. Não apreciam os freelancers como eu, estragámos o negócio. Estamos para aqui à espera de Godot. Se lhe restar um pouco de senso, não espere. Ainda por cima é professora? Uma ave exótica nestas paragens. Ou uma tonta. Tente. Nenhum espião se desculpa com uma profissão dessas. Investigadora? Está a brincar. Ou a mentir. A mentira é a língua mais falada neste país. Não veio a Bagdade na melhor altura.”

Gary dá uma gargalhada rematada com um golo de bourbon. Dá um estalo com a língua. O bar não é bem um bar, é um covil com chão de mármore, mesas e bancos de pernas curtas. Assentos estofados com napa amarela. As garrafas escondidas debaixo do balcão para não insultar os crentes. O Al-Rashid é um monólito cor de burro quando foge. O hotel mais seguro da cidade é o refúgio dos mercenários, seguranças privados, homens de negócios escuros, negociantes de petróleo e crudes, sheiks e jornalistas sitiados

com dólares na carteira. Mais a investigadora recém-chegada. É um hotel na fase de decadência depois da fase breve de esplendor. O Al-Rashid é um cruzador dos mares do Iraque.

Um gigante em mangas de camisa com um guarda-costas maior que ele anda aos berros no vestíbulo. Grita com o telemóvel dando passadas de um lado para o outro. O guarda-costas não larga a metralhadora, ray-ban a varrer a sala para manter o controlo. Desde quando autorizam um pit bull armado nos salões dos hotéis? Não admira que os americanos sejam alvos fáceis, esta gente não se caracteriza pela discricção. E a mania dos ray-ban espelhados.

Que filme.

Gary dá um pulo, bebe mais um golo, “venha daí, vou apresentá-la, agora que ela está sem a companhia do costume”.

Acabo o meu whisky, odeio whisky, foi para ganhar coragem. Sigo-o com o copo vazio na mão. O Fantasma está a ler um livro, ignora-nos. Na mesa, num copo com um líquido sem cor, flutuam grãos de pimenta e derretem cubos de gelo com hortelã. Jamais tocara em gelo num lugar destes.

“Marie, apresento-lhe uma conterrânea portuguesa.

Você foi ou é portuguesa, certo?”

O Fantasma levantou a cabeça com vagar e retirou as meias-luas da leitura, fechando as hastes com calma, sem olhar para nós. Arrumou os óculos num estojo em cima da mesa. Fitando o cosmos, rosnou.

“Se eu quisesse ver conterrâneos não vinha para Bagdade.”

Tem uma voz rouca, daquelas vozes de noites mal dormidas, do sarro dos cigarros e dos copos. Aquelas vozes dos filmes americanos a preto e branco em que as mulheres lançam copos à cara dos homens e guardam pistolas

pequeninas na malinha, entre o frasco de perfume e o pó de arroz. Já ninguém vê estes filmes.

Gary, com a falta de vergonha dos americanos, atira-se para uma das poltronas estofadas a imitar pele.

Matéria-prima chinesa. Haverá um lugar no mundo onde os chineses não tenham introduzido o seu plano de dominação sintética?

“Podemos sentar-nos?” E pousa o copo de bourbon na mesa. O Fantasma dá-lhe uma dose de desprezo.

“Dear Gary, você é obnoxio. É assim que perdem as vossas guerras. Bebamos aos grandes imãs americanos. Sem eles, sem vocês, estaríamos desempregados. Estaríamos a salvo. A menina é quem? Como é que se chama e o que faz aqui?”

Debito a identidade numa voz inaudível. Ela fala um inglês perfeito, ligeiramente pretensioso, e soletra as palavras como uma grande dama numa série com aristocratas e seus criados. Brideshead. Downton Abbey. Quem pode resistir ao passado?

“Não ouvi o seu nome.”

Sento-me. Que filme. Não digo o nome. Digo ao que venho. Em português. Estou transida. Assim que ela me disser não, um inapelável não, posso pôr-me a andar e regressar à Jordânia, esquecido o maldito projeto.

“Venho à sua procura. Não terá sido uma boa ideia.

Estou cheia de medo, não tenho dinheiro para ficar neste hotel mais tempo, não percebo nada de guerras... quero escrever um livro e para esse livro preciso de si.”

O olho azul atinge-me em cheio.

“Jornalista?”

Rosna em português.

“Qual jornalista, sou especialista em Estudos do Médio Oriente, professora do departamento de Estudos

Religiosos da Universidade de Hull, acabei o curso em Londres. Odeio a minha vida e decidi mudá-la. Estou a gastar as minhas economias para estar aqui, e nem sei porquê, se quer saber a verdade. Qualquer coisa é melhor do que Hull. Ou Lisboa, também fugi de Lisboa. Você tem uma vida de aventura, não faz a menor ideia do que é não ter. Toda a gente tem medo de si, eu não tenho. Se não quiser falar comigo, percebo, ao menos dê-me uma boa razão para a ver aqui, com essa idade, a fazer coisas que ninguém faz nessa idade.”

Se não tivesse bebido o whisky não tinha dito tanta asneira. Pareço uma secretária à procura de emprego. Tenho a cabeça à roda porque nunca bebo whisky. Dizer a verdade é mais fácil que mentir. A tirada em português apanha-a de surpresa. Tira um cigarro do maço e acende-o com um fósforo riscado devagar. Caixa de fósforos? No século xxi? “Você é uma nova espécie de imbecil. Tem alguma ideia do que é o Iraque? Bagdade é uma cidade dividida. Cercada. Quer convencer-me de que veio até aqui por minha causa? Quem patrocinou essa parvoíce? Um editor de Londres?”

“Não, não foi inteiramente por sua causa. Foi mais por minha causa. Hull. Mesmo que tentasse não conseguiria explicar-lhe. Hull. Estou aqui com o meu dinheiro.”

“Não precisa explicar nada, você é igual aos desgraçados jornalistas que nunca foram jornalistas e que andam por aí armados em heróis. Acabam sem cabeça num vídeo de má produção. O seu pretexto é que é muito original. Veio por minha causa, diz. Não é a primeira, e sabe o que costume fazer aos que vêm por minha causa? Devolvo-os à procedência. Sem porte pago. Não tenho nada para lhe dizer. Nem acho admirável o que você faz, andar a gastar

as economias. Dou-lhe um conselho, apanhe o primeiro avião de volta para onde veio. Amã ou Istambul. Cidades bem servidas de aeroporto. Não ouvi o seu nome.”

“Beatriz”.

Dá um estremeção. O rosto paralisa numa metade de sorriso. Um esgar.

“Beatriz”, repito.

Levanta-se de repente, esvazia o copo e pega na Leica.

“Quer jantar comigo? Cedo, às sete. Aqui a noite cai cedo.”

Não percebo. A minha condição é não perceber. Não fingir perceber. E foi assim que começámos. A ingenuidade salvou-me. Creio que ela estava cansada de cinismos e de segredos. Eu era leve como um pássaro, desses que continuam a pousar nos fios elétricos sem se darem conta da descarga. Leve como um desses bichos que continuam vivos no meio das guerras, as baratas, os ratos, as lagartas, os gatos, os cães vadios. As larvas que engordam à custa dos cadáveres. Estou a falar como ela.

Um bicho que não ameaça os grandes predadores. Marie toma-me sob sua proteção, como um escudeiro medieval.

Gary, desnortado com a conversa em português, pega no telemóvel e afadiga-se a compor mensagens, para disfarçar. Pega no copo vazio e escorropicha os restos do bourbon. Levanta-se, agastado com a nossa indiferença.

“Ainda bem que se entenderam. Vou para o meu quarto, trabalhar.”

Como todos os figurantes deste filme, Gary entrou nele para sair no minuto seguinte sem fazer parte da história.